



O amor comunitário como uma estratégia de prevenção frente à morte voluntária

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Doutora em Psicologia. Professora associada da UERJ.
Sócia Fundadora Benemérita, Professora e supervisora do IFEN.



Albert Camus (1997) iluminou um modo de compreensão acerca da prevenção do suicídio que muitas vezes escapa aos cientistas nos seus estudos sobre o tema. Em 1946, ele escreveu um romance intitulado *A peste*. Ao ler o livro durante a pandemia da Covid-19, eu tinha a impressão de que ele estava retratando a situação pela qual estávamos passando. Nesse romance, a peste é narrada como ocorrendo na década de 40 do século XX, em uma cidade chamada Oran. Na descrição dos acontecimentos já ficavam muito claras as ambíguas e enigmáticas expressões de seus diversos personagens. Toda a banalidade com que os moradores da cidade viviam é apresentada no relato do escritor. Mas uma passagem do texto chamou a minha atenção. Um dos moradores, Cottard, encontrava-se na tentativa de suicídio por enforcamento, quando um amigo chega a sua casa e retira-o daquela situação. A presença de um outro faz Cottard desistir de concretizar o ato. Ao mesmo tempo, a peste começa a se alastrar e leva com ela muitas pessoas. Ele então se junta ao médico Bernard Rieux, esquece-se da sua pretensão de pôr fim a sua vida e torna-se um valente e incansável combatente da peste.

Podemos entender essa radical mudança de Cottard de diferentes modos bem como podemos ver claramente que antes da peste ele queria terminar com a vida. Durante a peste, ele lutou contra a morte. Terminada a peste, ele havia se transformado – a vida agora importava. Ouso afirmar que Cottard despertou para a vida no momento em que deixou de ficar tão voltado para si mesmo e pôde olhar para o outro. Arrisco dizer que brotou nele o amor comunitário.

Não quero dizer com isso que essa seria a chave do segredo para que todos desistissem de terminar com a própria vida. Não estou apontando para a solução. Mesmo porque a complexidade de motivos que envolvem essa decisão me impediria de falar em termos de um critério que me conduziria a uma grande descoberta. Um caminho que sempre aponto, mas que sempre é caminho, é uma compreensão sensível da situação em que o outro se encontra. E esse caminhar consiste em dar escuta paciente e atenta ao que o outro tem a dizer. Essa relação pode ser sustentada pelo médico ou psicoterapeuta, como também pode se apresentar em todos por meio daquilo que denomino de amor comunitário.

Referências: Camus, A. (1997). *A peste*. Rio de Janeiro: Record.

EDITORIAL

A Verdadeira História sobre o Setembro Amarelo

No ano de 2015, elegeu-se o dia 10 do mês de setembro como destinado a conscientização do problema do suicídio, instituindo-se também o Setembro Amarelo. Muitos perguntam: por que a escolha do mês de setembro e da cor amarela?

E a história que é contada sobre a origem do Setembro Amarelo como uma homenagem a um jovem americano, que se suicidou em uma colisão proposital de seu carro amarelo não é verdadeira.

A verdadeira história conta que em uma reunião ocorrida em 2015, o CVV, o Conselho Federal de Medicina e a Associação Brasileira de Psiquiatria escolheram o setembro para ser o mês dedicado à prevenção do suicídio. A partir de então, as ações da campanha Setembro Amarelo tentam alertar para a importância de se discutir o tema. A ideia de estabelecer o Setembro Amarelo surgiu na Associação Internacional de Prevenção do Suicídio (IASP) que instituiu o Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio (World Suicide Prevention Day). Uma das atividades incentivada pela IASP é que todos acendam uma vela no dia 10 de setembro, em homenagem às vítimas de suicídio e que usem um laço amarelo como símbolo que ao ser visualizado lembra imediatamente que temos que pensar nessa problemática.

A UNICEF em parceria com o CVV lançaram o programa Pode Falar, canal anônimo de escuta, destinado a adolescentes e jovens entre 13 e 24 anos com o objetivo de reduzir a violência e abuso infanto-juvenil, autolesões, tentativas e finalizações da vida.

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo



Crianças e adolescentes vivenciam a experiência do luto?

Elaine Lopez Feijoo

Especialista em Psicologia Clínica, Sócia mantenedora, professora e supervisora do IFEN.

Feijoo (2021) refere-se ao “momento impactante”. Trata-se do momento em que há um impacto ao deparar-se com a notícia ou com o ente querido morto. No Livro *Kafka e a boneca viajante* (Fabra, 2009), há o relato em que Kafka passeava pelo parque e, em meio aos ruídos das crianças brincando, escuta o choro da menina (Elsi) “alto, convulso, repentino”. Isso o fez parar, percebeu que não era birra ou manha de criança, sua atenção voltou-se totalmente àquilo que expressava dor. Parece que Kafka assistiu aquilo que Feijoo denominou momento impactante. Para Kafka tudo em volta desapareceu. Apenas a expressão de Elsi era o que importava! Kafka não ficou indiferente nem mesmo na neutralidade, via a situação como algo que lhe dizia respeito.

Na obra *Desumanização* (Mãe, 2017), o autor nos conta a história de Halla, uma menina de 11 anos de idade, pobre, que vivia em condições hostis. Ela teve sua primeira experiência de luto quando perdeu sua irmã gêmea. Halla com esse fato experimentou melancolia, desamparo, dor, culpa e solidão. Aos 12 anos, deu à luz uma criança, parecia uma promessa do destino para que ela saísse da solidão, porém o filho morreu ao nascer. Valter Hugo mãe descreve a dor impactante de Halla pela perda de seu filho.

Essas pontuações me remeteram a uma experiência que tive aos 14 anos quando tive a primeira perda significativa: minha avó. Lembro-me de quando o médico entrou na sala que estávamos e disse que ela havia falecido, caí no chão e gritei: não, ela não!!! Chorava sem parar, um vazio tomou conta de mim! Perdi minha amiga, minha companhia de todos os dias, morávamos juntas! Mas a primeira perda que tive em termos de acontecimento, foi quando eu tinha cerca de dois, perdi meu irmão um ano e meio mais velho que eu. Em relatos dos meus pais, vivenciei situações que deixaram evidente a dor da ausência e a revolta com Deus. Eu e meu irmão estudávamos num colégio de freiras, e após o ocorrido, sendo recepcionada pela freira, ela disse: “Deus quis assim.”, e eu então falei: “Ele me perguntou se podia levar? Não acredito mais em Deus!” Em outro momento ao questionar onde meu irmão estava, um adulto me disse: “Ele está no céu”, e eu imediatamente disse que me desse uma escada que iria buscá-lo. Minha mãe me conta que certa vez, deitadas na cama eu comecei a chamar por ele e a chorar muito porque queria ele ali.

Pensando ainda em situações de crianças que experienciam o luto, lembro-me da situação de uma menina que deixa um bilhete dizendo: “Querida mamãe, sinto saudades do papai, fui encontrá-lo”. Nesse caso, a perda do pai deu lugar às saudades. Uma outra criança que teve contato, de apenas 4 anos de idade, perdeu avó por covid e perguntava a todo momento: “Cadê a vovó? Cadê a vovó?” Repetidamente, como quem sente a ausência daquele que se foi.

Se considerarmos o luto na perspectiva da dor, posso concluir que a reação frente ao impacto, seja da notícia ou de ver a pessoa morta, deixa claro que o luto como dor está presente na criança, bem como em qualquer fase da vida. Refletindo sobre todas essas questões, pensando no luto das crianças que descrevi acima e no que experimentei na minha infância, percebo dor, revolta e saudade. Esses mesmos afetos são experimentados por adultos (Feijoo, 2021).

Hoje ao me lembrar o quanto me revoltei com Deus, percebo que não é mais assim. Dei-me conta que “Enquanto eu inventar Deus, ele não existe” (Clarice Lispector, 2005).

SITUAÇÕES CLÍNICAS EM DEBATE - SUPERVISÃO

100% ao vivo pelo ZOOM

www.ifen.com.br

INFANTOJUVENIL

Ministrado por Elaine Lopez Feijoo CRP 05/25783

Público Alvo: alunos e profissionais de psicologia e áreas afins

Duração: 06 meses / carga horária: 15h

Horário: um sábado por mês

Ministrado por Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo
CRP 05/2834

Público Alvo: alunos e profissionais de psicologia e áreas afins

Duração: 06 meses / carga horária: 15h

Horário: uma sexta por mês das 16h às 18:30h ou
um sábado por mês das 9:30h às 12h

Ministrado por Myriam Protasio CRP 05/07251

Público Alvo: alunos e profissionais de psicologia e áreas afins

Duração: 06 meses / carga horária: 15h

Horário: um sábado por mês das 7:30h às 10h

INFORMAÇÕES: ifen@ifen.com.br

 21 98338-9023

Referências: Fabra, J. S. (2009). *Kafka e a boneca viajante*. São Paulo: Martins Fontes. Feijoo, A.M.L.C. (2021). *Suicídio & Luto: da investigação fenomenológico-hermenêutica às práticas clínicas fenomenológico-existenciais*. Rio de Janeiro. Edições IFEN. LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina: contos* (pp. 41 - 45). Rio de Janeiro: Rocco, 1998, 1ª edição. by asampaio_766128. Mãe, V.H. (2020). *A desumanização*. Rio de Janeiro: Editora Globo.



É possível “superação” da morte de um filho por suicídio?

Susanne Oliveira dos Santos

Psicóloga clínica integrante do projeto de pesquisa Morte, Luto e Psicoterapia em Tempos de Coronavírus - LAFEPE/UERJ

A presente reflexão se inicia com esta pergunta: porque a palavra “superação” apareceu por diversas vezes ao longo de nossos estudos sobre a temática do luto por suicídio como enunciação de possibilidade. A pesquisa intitulada “A atuação do Psicólogo junto aos pais enlutados”, que teve início em 2019, investigou o que a literatura e os manuais postulam sobre o tema e analisou alguns relatos de pais sobreviventes registrados na literatura.

No dicionário, superação é definida como recuperação; uma mudança de uma situação ruim para uma boa; é a resiliência em vencer momentos difíceis. Essas definições nos atravessam na cotidianidade e carregam consigo as determinações de nosso horizonte histórico. Afinal, como o homem moderno detentor da técnica – que toma tudo para si como recurso, que pensa ser senhor de si mesmo, que já se cercou de aparatos tecnológicos que o fazem pensar a morte como algo evitável e assim não pensa mais na morte como sendo sua, apenas do outro – irá ser detido frente a algo insuperável?

O ideal de superação é uma marca de nosso tempo e prega que cada um deve superar seus limites, dificuldades e momentos difíceis. Neste ideal não cabem o ressentimento, a vergonha, a tristeza, a culpa, o arrependimento ou o luto. Tudo deve ser superado. Então, quando a morte nos atinge e nos lembra de nossa finitude, quando leva alguém querido, pensamos que é possível e devemos superar também este tipo de perda. Buscamos nos recuperar, passar desta situação ruim que é o luto para uma boa, ou seja, deixar a tristeza para trás. Mas é possível superar a perda de um(a) filho(a) por suicídio?

Em uma carta publicada em um blog (Anônimo, 2016 apud Feijoo, 2021) um pai sobrevivente escreve seu relato e reflexões sobre a morte e o luto. Seu filho Pablo decidiu pôr fim a vida em 2014. Sobre a superação este pai afirma “A morte de um filho é uma situação permanente, uma condição que se instala, algo que passa a ser parte do que somos. (...) O filho (e a sua morte) continua a estar presente, acompanha para sempre a vida dos pais. Nesse sentido, não se supera” (Anônimo, 2016 apud Feijoo, 2021, p.361).

O pai de Pablo afirma que é possível pensar a superação de forma autêntica:

Entre os significados de superar não está apagar ou eliminar. Aquilo que foi superado permanece aí, está presente. Não foi eliminado, e esse é o desafio de uma autêntica superação. Superar não é ignorar ou tirar de nossa história o fato trágico. Não se trata de tomar uma pílula do esquecimento e continuar vivendo como antes, de maneira inocente, como se nada tivesse acontecido. Isso seria o contrário da superação. É justamente naquilo que restou que encontraremos os elementos para a reconstrução, e para isso precisamos olhar de frente para a devastação. (Anônimo, 2016 apud Feijoo, 2021, p. 362).

É em meio a devastação que os sobreviventes precisam, sem culpa, nem vergonha, encarar o novo mundo com alegrias, tristezas, lembranças e saudades.

Referência: Feijoo, A. M. L. C de. (2021). Suicídio e luto: da investigação fenomenológico-hermenêutica às práticas clínicas fenomenológico-existenciais. Rio de Janeiro: IFEN.

GRUPO DE ESTUDOS APROFUNDADOS

Ao vivo pelo ZOOM

CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Ministrado por Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

CRP 05/2834

Público Alvo: alunos e profissionais de psicologia e áreas afins

Duração: 24h sendo

12h aula teórica + 12h supervisão clínica

Horário: uma sexta por mês das 14h às 18h

KIERKEGAARD

Ministrado por Myriam Protasio CRP 05/07251

Público Alvo: alunos e profissionais de psicologia e áreas afins

Duração: 06 meses / carga horária: 15h

Horário: uma sexta por mês das 16h às 18:30h

SARTRE

Ministrado por Carolina Dhein CRP 05/29373

Público Alvo: alunos e profissionais de psicologia e áreas afins

Duração: 06 meses / carga horária: 15h

Horário: uma sexta por mês das 13:30h às 16:00h

PSICOLOGIA E LITERATURA

Ministrado por Yan Souza Almeida CRP 05/640428

Público Alvo: alunos e profissionais de psicologia e áreas afins

Duração: 06 meses / carga horária: 15h

Horário: uma sexta por mês das 16h às 18:30h

HEIDEGGER

Ministrado por Roberto S. Kahlmeyer-Mertens (UNIOESTE)

Público Alvo: alunos e profissionais de psicologia e áreas afins

Duração: 06 meses / carga horária: 15h

Horário: um sábado por mês das 10h às 12:30h

INFO: ifen@ifen.com.br / 21 98338-9023
www.ifen.com.br



Há utilidade entre o viver e o sofrer?

Mariana Agatha Silva do Carmo

Estudante de Psicologia - UERJ. Bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa Morte, Luto e Psicoterapia em Tempos de Coronavírus - LAFEPE/UERJ

Por que as pessoas buscam utilidade e agilidade em tudo? Por que o modo contemporâneo de existir não comporta as descobertas dos caminhos mais longos? Krenak enfatiza o fato de que enquanto construímos a constante atualização das tecnologias também somos consumidos por elas. Estamos devorando rios, montanhas e, conseqüentemente, a própria vida. Essa que, apesar de todas as insistências da atualidade em camuflá-la ou até mesmo esgarçar-la em nome de uma produção desenfreada, não tem utilidade alguma. Nas palavras do próprio Krenak, “a vida é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária” (Krenak, 2020).

Essa compreensão utilitária da vida, a percepção de que se deve simplesmente chegar a um objetivo o mais rápido possível, comprar uma ferramenta que faça logo as coisas de uma maneira “correta”, empobrece o que pode ser a experiência de estar vivo. Essa é a lógica que predomina na modernidade: a demanda de uma superprodutividade que sufoca o gosto em descobrir outros modos de se fazer as coisas. Esse outro modo de tecer os fios da vida nos convida justamente a viver como fruição, tal como Krenak nos coloca. É preciso reafirmar a vida para além desse olhar utilitário, ressaltar que essa é uma possibilidade genuína de retorno às coisas mesmas.

O filósofo Byung-Chul Han (2015) aponta para a ideia de que na atualidade vivemos em uma sociedade do desempenho e seus habitantes seriam pessoas submetidas ao desempenho e produção. Nesse panorama, é sempre necessário um lucro maior do que ontem, o que nos impele a ser sempre mais produtivos do que já se foi. Han ressalta essa dimensão ao propor que “em relação à elevação da produtividade não há qualquer ruptura; há apenas continuidade” (Han, 2015).

A partir dessa perspectiva, é muito fácil estar completamente apartado da vida como fruição, afastado de um modo presente de viver e aberto às possibilidades do existir. E o sofrimento, o qual é parte indissociável de se estar no mundo e em relação com os outros, é sufocado. O sofrimento é quase entendido como uma ameaça direta à produção e ao desempenho, porque muitas vezes ele grita o encobrimento da vida no modo como vivemos hoje. E há uma tentativa de controle do sofrimento bem instituída. As nosologias constroem a dicotomização do sofrimento: a normalidade e a patologia. É imposto um limite, principalmente para que ele não comprometa os alicerces da produção. O luto patológico, como compreendido pelos moldes científicos, é definido por meio da imposição do tempo cronológico. A experiência da “infelicidade e angústia generalizadas”, como descrito no DSM-5 (2014), não cabe em uma perspectiva meramente utilitária da vida.

Referências

American Psychiatric Association. (2014). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª Edição (DSM-5). Porto Alegre: Artmed.

Han, Byung-Chul. (2015). Sociedade do cansaço. Petrópolis: Editora Vozes.

Krenak, Ailton. (2020). A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras.

CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO ONLINE

100% o vivo pelo ZOOM

Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial

Coordenação Geral: Professora Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Público Alvo: profissionais de psicologia e áreas afins

Duração: 24 meses / carga horária: 360h

Horário: um sábado por mês das 9h às 18h

Reconhecida pelo MEC e monografia opcional

A Psicologia em sua forma clínica tende a ser constituída como um rol de procedimentos alicerçados em teorias sobre o homem. O Curso de Especialização em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial reconhece a fenomenologia-hermenêutica como método de investigação dos sentidos da experiência humana, tanto no âmbito da pesquisa como da clínica psicológica. Estabelece um diálogo com a Filosofia da Existência, refletindo sobre temáticas próprias do existir humano; com a Literatura, em seu modo de aproximação à experiência mais originária antes de qualquer interpretação científica ou moral; com a força e o vigor com que a Literatura sustenta a possibilidade de transformação no diálogo com o leitor. O curso pretende estabelecer a construção de uma atividade clínica pelo binômio do saber-fazer sem se esquivar de desafios que se encontram naquilo que é o seu objetivo: defender a clínica como algo que acontece no âmbito de uma experiência peculiar. Com esse objetivo organizou-se a programação de forma a permitir que o aluno exerça um modo de pensar questionador das verdades universais e atemporais podendo, assim, acompanhar as tonalidades e afetos naquilo que o outro tem a dizer. O Curso de Especialização em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial constitui-se no espaço próprio para que o profissional interessado por esta forma de pensar e fazer psicologia ganhe consistência em sua atuação clínica.

MATRÍCULAS ABERTAS

INFORMAÇÕES: ifen@ifen.com.br



21 98338-9023

www.ifen.com.br



A experiência de luto por Chimamanda: história ou ficção?

Jaynete França

Estudante de Psicologia - UERJ. bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa Morte, Luto e Psicoterapia em Tempos de Coronavírus - LAFEPE/UERJ

Há tempos, a morte e o luto não eram abordados com tanta frequência e abrangência popular, como vemos hoje. Mas, será que de fato, nos aproximamos dessas particularidades da existência humana? A escritora Chimamanda traz em *Notas sobre o Luto*, a surpresa, o temor da finitude, a dor, o sofrimento, a memória e a saudade, sentidos na lida com a morte do pai, durante a pandemia COVID-19.

No recente luto de Chimamanda, junto ao turbilhão de emoções, emergem reflexões, percepções acerca da morte, questionamentos de certezas tidas como inabaláveis e incorporadas à vivência cotidiana. O modo de lida com o tempo, que ditamos em calendários, aparece como fomentador de sofrimento. No relato, ela lamenta, sente o débito de não ter realizado projetos com o pai, na crença de que ainda teriam mais tempo. De acordo com ela, a morte não era para ser assim, uma surpresa desagradável.

Chimamanda buscou na memória o que poderia ter feito de diferente para conseguir evitar a morte do pai. Uma atitude natural na nossa época, onde a ciência nos proporciona uma noção de evitação, de afastamento da finitude, mediada por manuais, protocolos e tecnologia, e assim, mesmo cientes da existência da morte, ela não é algo familiar. De forma geral, morrer não é mais uma possibilidade natural, e sim, algo que controlamos. Com isso, nos surpreendemos e nos angustiamos frente à finitude, e podemos consequentemente, refletir sobre a nossa própria mortalidade, como fez Chimamanda:

Pouco importa se eu quero ser mudada, porque estou mudada. Uma voz nova faz força para vir à luz na minha escrita, cheia da proximidade que sinto em relação a morte, da consciência da minha própria mortalidade, uma trama muito delicada, muito claramente presente. Uma urgência nova. Uma impermanência no ar. Preciso escrever tudo agora, pois quem pode saber quanto tempo eu tenho? (Adichie, 2021, p. 108)

Nesse luto, Chimamanda diz finalmente compreender a real essência dessa experiência, que é reverberada no corpo com tremores, dores e sabores indesejados. O acalento que vem de familiares, através de falas impessoais, não acolhem ou compreendem sua dor, e sim, aumentam o sofrimento. Então, ela expressa: “O que não parece um cutucão proposital numa ferida é um simples ‘eu sinto muito’, porque em sua banalidade essa expressão não presume nada”. (p. 39)

Por isso, ela foge das condolências, sofre com a execução do que é comum e tradicional. O caráter definitivo da morte não pode ser amenizado, não há volta. Chimamanda prefere as memórias, os momentos compartilhados daqueles que o conheceram, que para ela, são o verdadeiro alento vindo do que é familiar e íntimo. Chimamanda lembra que cada luto é único. Narra a própria história, a experiência, sente e descreve a saudade. Ela relembra, sonha, sofre e escreve sobre a vida que continua, cheia de emoções, entre lágrimas, sorrisos e esperança.

Referência: Adichie, C. N. (2021). *Notas Sobre o Luto* (1ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.



CURSOS DE FORMAÇÃO ONLINE

Ao vivo pelo ZOOM

MATRÍCULAS ABERTAS

Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-existencial

Público Alvo: alunos e profissionais de psicologia e áreas afins

Duração: 12 meses / carga horária: 240h

Horário: um sábado por mês das 9h às 18h

Clínica em Situações de Suicídio Perspectiva Fenomenológico-Existencial

Ministrado por Maria Bernadete Lessa CRP 05/14890

Público Alvo: alunos e profissionais de psicologia e áreas afins

Duração: 12 meses / carga horária: 194h

Horário: um sábado por mês das 14h às 18:10h

Psicoterapia Infantojuvenil na Perspectiva Fenomenológico-Existencial

Ministrado por Elaine Lopez Feijoo CRP 05/25783

Público Alvo: alunos e profissionais de psicologia e áreas afins

Duração: 12 meses / carga horária: 194h

Horário: um sábado por mês das 14h às 18:10h

INFO: ifen@ifen.com.br / 21 98338-9023

www.ifen.com.br



O amor se conhece pelos frutos: considerações de Kierkegaard sobre as obras do amor

Myriam Moreira Protasio

Psicóloga. Doutora em Filosofia. Sócia Fundadora, Professora e Supervisora do IFEN.



Se no mundo grego ressaltava-se o caráter erótico e sensual do amor, retomado na literatura romântica, o cristianismo aponta para o dever de amar ao próximo, a si mesmo e a Deus a partir do imperativo bíblico Tu deves amar. Esse é o ponto de partida de Kierkegaard (1847/2005) no texto *As obras do amor: considerações cristãs* em forma de discurso. Kierkegaard realiza um esforço, reiterado muitas vezes e de várias maneiras, de elogiar o amor. Ele pretende encontrar o indivíduo (o leitor) onde ele está e confrontá-lo com a tensão e ambiguidade de sua compreensão sobre o outro, sobre si mesmo e sobre o dever de amar, tirando-o de seu modo confortável de pensar. É como se, com seus discursos, ele nos perguntasse: “O que são estas coisas que nos impedem de amar?” E nos lembrasse que amar e ser amado é propriamente o que nos vincula à vida, pois, “amar as pessoas é de fato a única coisa pela qual vale a pena viver, sem esse amor tu propriamente nem vives” (p. 419).

Com seus discursos, Kierkegaard (2005) alerta sobre o perigo da comparação e do nivelamento que nos leva a ver o próximo com a distância da insensibilidade. Ele diz: “mendigo, sábio, rico, somos mesmo diferentes, mas enquanto próximos nós nos assemelhamos incondicionalmente uns aos outros” (p. 111). E é essa condição de semelhança que une todos os homens no amor. Ele está denunciando a imaturidade do homem de seu tempo, que desaprendeu a amar para além do amor a si mesmo. Esse homem não consegue ver o outro e, vendo apenas a si mesmo em sua vontade imperiosa, não pode amar esse que seria o primeiro tu, o próxi-

mo. Amar o próximo como primeiro tu “significa essencialmente permanecendo em sua diversidade terrena, como a que é indicada a cada um, querer estar aí de maneira igual para absolutamente qualquer pessoa” (p. 106), pois só “quando é dever amar, só então o amor está eternamente libertado em feliz independência” (p. 55) de toda imediatidade, do orgulho, dos hábitos, da posse que caracterizam o amor ao próximo como um amor ao segundo eu, ou seja, como amor a si mesmo.

Kierkegaard (2005) considera, também, que não “há nenhuma obra, nem uma única, nem a melhor, da qual ousássemos dizer: quem faz isso demonstra incondicionalmente com isso o amor” (p. 27), por isso é preciso crer no amor e nos esforçar para que ele possa vir, para que ele se mostre, para que ele dê frutos. A dificuldade está, primeiramente, em compreendermos o amor não à distância, ou na confusão da diversidade, mas na condição de igualdade e comunidade em que estamos. E, em seguida, a dificuldade está em agir, pois “a eternidade que fala do que é o mais elevado supõe tranquilamente que todo homem pode realizar e apenas pergunta, então, se ele o faz” (p. 101). Não se trata, portanto, de se tornar um especialista conhecedor do amor, mas de meditar na tarefa de amar em temor e tremor, realizando a amorosidade nas situações concretas da vida. O sinal definitivo e convincente do amor é o próprio amor, e quem ama pode reconhecê-lo.

Referência: Kierkegaard, S. A. (2005) *As Obras do Amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos*. (Valls, A. L. M, Trad). Petrópolis: Editora Vozes e Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco. (Original publicado em 1847).



Oito Vidas

Yan Sousa de Almeida

Psicólogo. Mestre pelo PPGPS-UERJ e professor do Curso de Especialização de Psicologia Clínica do IFEN.

—Mas como assim essa tristeza toda? Sem motivo! Você é tão linda, com todos os dentes na boca, tem um bom emprego... Falando em emprego, você não foi promovida a pouco tempo? E eu também bem sei daquele seu Respetivo do bloco D que quando você passa não consegue parar de olhar pra você. Não não que isso... Não pode ficar assim não. Tem que respirar fundo – a conselheira respirou fundo, se expandindo – E se animar! – ela se exalou - Se tivesse motivo tudo bem. Mas olha só você! – ela gesticulou como um detetive ao desvelar o fim de um mistério.

A ouvinte abriu a boca para falar. Seus lábios se separaram anunciando o início de uma resposta, todavia, apesar da porta de sua alma estar aberta, nenhum som saiu de lá. Com pesar, ela percebeu que o peso de fazer o seu silêncio ser ouvido era muito grande. Decidiu não dizer nada para se poupar. Não era a primeira vez que isso acontecia. Sua amiga conselheira recebeu esse silêncio como vitória temperada pelo sabor de dever cumprido. Beijou a testa de sua ouvinte silenciosa e por causa da hora, se despediu.

Agora sozinha com seu silêncio, ela quase riu ao perceber que sua amiga-mentora, apesar da pouca idade, adquiria um linguajar de avó quando aconselhava. O meio sorriso teve poder suficiente para levá-la até sua cama. Ela deitou, fechou os olhos, e com o seu corpo banhado pela luz pálida da lua tentou seguir a sugestão que acabara de receber.

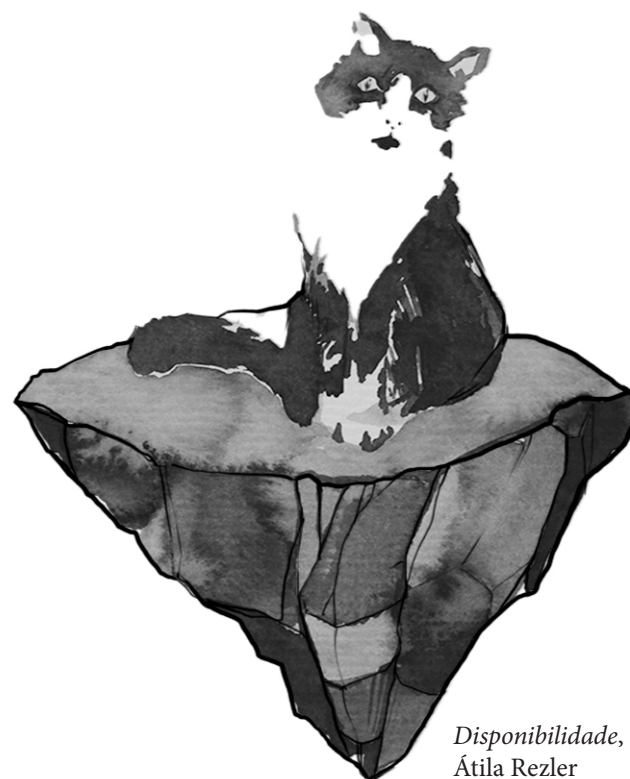
Ela respirou fundo. Sentiu uma falta de ar. Não, não faltava ar. O que faltava era fundo. Tal fundo, tão fundo que o preenchimento vazio do ar não enchia os pulmões. Mas ela estava cheia. Cheia de falta. De quê? Isso! Estava cheia de falta de quê. Mas ela não tinha nem um “quê” para sentir falta. Porque, no fundo sem fundo, a falta era o “quê”. Esse “quê” dilatava em todo o seu corpo como raiz de flor. Se estendendo no solo fofo e frágil. Ela era fofa e frágil. De uma fragilidade única. Fértil. Capaz de permitir o germinar expandido dessa falta.

Dor enraizada.

Sentia a dor pingar como gotas vindas de uma fonte nascida sem nascente, mas que desaguava e reverberava por toda a extensão do seu corpo. Corpo este maior que o próprio corpo. Grandeza que só perpetrava o aumentar da dor perpétua. Cada um desses pingos fazia as raízes de si crescerem e o broto florir dando frutos de lágrimas.

Chorar a falta de um fundo de “quê” é regar a flor da dor de si.

Ela acordou orvalhada. O toque pálido da luz da lua foi substituído pelo clarear mais intenso do sol. Luminosidade que a fez perceber de súbito que dessa vez acordou sem aquele desgosto amargo, pois temperada por sua decisão, o sabor de existir se tornava agridoce. Não escolheu roupa porque dormiu vestida. Pensou em escrever uma carta, mas não gostou da ideia de ser lida. Tomou café por hábito, não por fome. Iniciou sua jornada rumo às alturas.



Disponibilidade,
Átila Rezler



[Inscreva-se no Canal IFEN](#)

SETEMBRO AMARELO

COMBO

Informações:
www.ifen.com.br/site/loja
edicoesifen@ifen.com.br
 Tels: 21 98898-8690
 2268-9907/2208-6473

Frete Gratís
Para todo Brasil

3 LIVROS
R\$ 180,00

CONTINUA...



No caminho quase não pensava em nada. Ela estava em um estado de dar inveja a monges zen. Só que esse estado não ocorria por consequência da disciplina da meditação e sim pela aparente falta de opção. Ela foi atormentada pela dor de maneira ininterrupta durante tanto tempo que mal a sentia. Até mesmo o maior dos barulhos se torna silêncio quando você se permite acostumar-se com ele.

Ao pé do prédio teve que inclinar a cabeça em um ângulo agudo para absorver todo aquele tamanho. Entrou no edifício. Enquanto subia as escadas pensou em como era irônico ter que realizar o esforço de escalar cada degrau só para se jogar. Para ela, a ideia de se jogar não apresentava esforço algum.

Chegando no topo foi atingida pelo vento que bagunçou os seus cabelos. Se direcionou ao parapeito. Tocou na beirada. Foi se assentando na beira. Naquela borda ela estava no limiar de tantas coisas que só de pensar dava vertigem. Talvez por sentir isso no corpo todo ela tenha decidido gritar.

Como que por hábito, nenhum som saiu.

Naquele limiar qualquer grito de dor era inaudível. Pois se propagava a partir de seu silencioso vácuo interno sem fundo de “quê”. Nesse conjunto de fronteiras seus olhos se inundavam de lágrimas, mas elas não foram capazes de atravessar a barreira, como ferida antiga e coagulada. Ali, nesse meio sem meios, ela parecia já ter gritado todos os gritos, chorado todas as lágrimas em todos os infinitos possíveis. A dor não podia ser representada de nenhuma outra forma. Não havia possibilidade de transposição. Apenas a dor. Ela não sentia nada além disso.

Até que sentiu algo tocar sua perna.

Assustada, ela olhou para baixo. Seu olhar se encontrou com o olhar de um gato. Este tinha os olhos amarelos, como duas bolas de ouro envoltas por um ser de ônix. O gato portava um olhar tão forte e pesado que por mais que tentasse ela não conseguia desvencilhar-se. O animal parecia flutuar enquanto enrolava sua cauda na perna dela. Ela não sabia o que fazer defrontada por aquela esfinge viva. Estava completamente perdida e capturada na descoberta daquele instante. Mas o gato não tinha dúvidas.

Ele miou.

O irromper daquele som foi muito alto, uma vez que se projetava no meio de todo o silencioso vazio dela. A frequência daquele miado se alinhava perfeitamente com a dela; de tal forma que os dois pareciam ressoar, vibrando em sincronia. Ao vibrar com o miado do bicho ela despencou em choros e gritos – agora audíveis. Ela queria agarrar o gato pois sabia que o gato queria ser agarrado. Estando os dois acolhidos nessa síntese de si mesmos, ela encontrou meios com que se afastar de todos aqueles limiares.

Doar-se no silêncio do outro é uma dádiva.

UERJ pela Vida

“Despertando para a vida pela via do amor comunitário”

**29 set 2021
14h30 às 20h**



IFEN INSTITUTO DE PSICOLOGIA
FUNDAMENTAL DO
RIO DE JANEIRO
Tradição de 25 anos

Motivos para se tornar sócio IFEN

6

- Ter descontos em Jornadas e Congressos
- Comprar livros das Edições IFEN com desconto
- Participar do Cinema IFEN
- Assistir Palestras
- Ter acesso a nossa Biblioteca
- Receber Novidades por e-mail

Não perca tempo !!
Associe-se já e desfrute de todos benefícios.
ifem@ifem.com.br

Cinema AFEPE
FEN
Setembro Amarelo
Gratuito Aberto ao público

VERONICA DECIDE MORRER

DEBATEDORA:
ANA MARIA FEIJOO

01 Outubro 19h

Apoio: IFEN

Informações:
ifem@ifem.com.br



EDIÇÕES IFEN



PRÉ-VENDA

LANÇAMENTO

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS



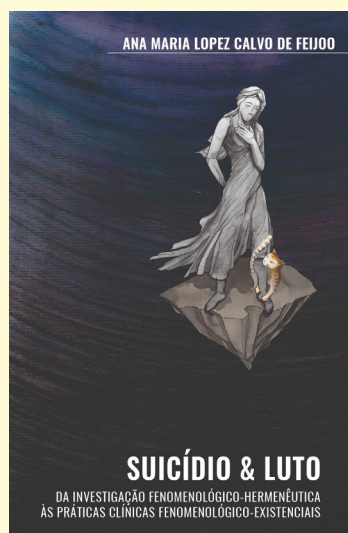
Poesia e Prosa em Diálogo com a Clínica Psicológica

Organizadoras

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo,
Ingrid Vorsatz e Maria Bernadete
Medeiros Fernandes Lessa

O livro *Poesia e Prosa em Diálogo com a Clínica Psicológica* leva a público um diálogo muito presente nos estudos e na prática clínica na perspectiva fenomenológico-existencial, em especial no trabalho desenvolvido pela professora Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo.

Portanto, ao acessar a literatura, pretende-se buscar interlocuções com outras visadas que não correspondam ao modo de lida com a existência proposto pelo modelo das ciências naturais. A literatura se mostra então como uma possibilidade de acessar a experiência da vida cotidiana, tão bem expressada nos mais variados tons das poesias e prosas presentes desde tempos remotos.



Suicídio & Luto

Da investigação fenomenológico-hermenêutica às práticas clínicas fenomenológico-existenciais

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

O livro *Suicídio & luto: da investigação fenomenológico-hermenêutica às práticas clínicas fenomenológico-existenciais* apresenta a trajetória e o resultado das pesquisas e práticas clínicas sobre o fenômeno do Suicídio desenvolvidas pela Professora Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo, no Laboratório de Fenomenologia e Psicologia Existencial (LAFEPE) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

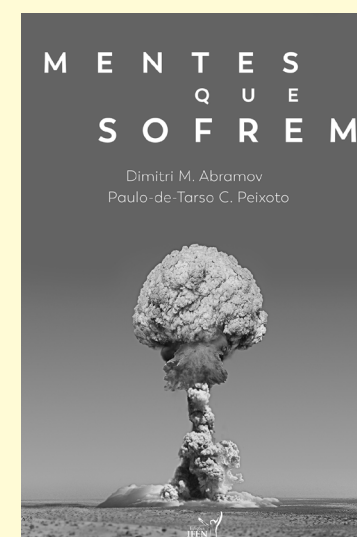
A relevância desta obra sobre o ato de por fim à vida, tema que causa grande perplexidade social e inquietação no meio científico, propõe uma reflexão e, principalmente, após levantar questionamentos sobre as determinações que o mundo estabelece como verdades naturalmente dadas sobre o suicídio, buscar outras visadas a partir da perspectiva fenomenológico-existencial, tanto na ação clínica psicológica na prevenção, na lida em situações de suicídio e com os enlutados ocasionados por esse tipo de morte.



O tempo da Ansiedade

Uma interpretação a partir da confrontação entre Heidegger, Baudrillard e Kafka

Paulo Vitor Rodrigues da Costa



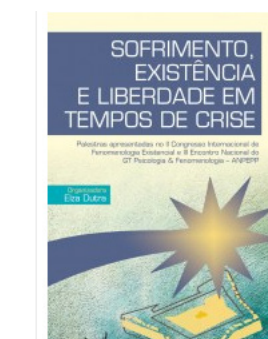
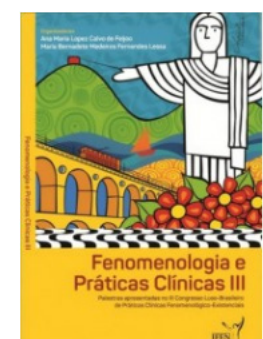
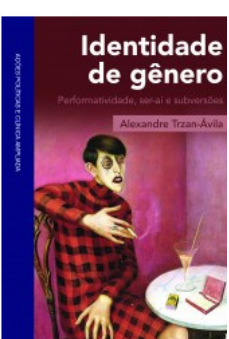
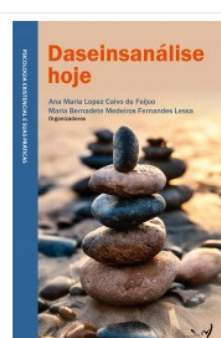
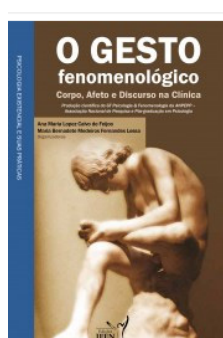
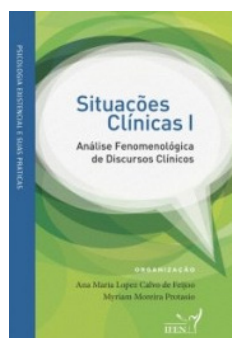
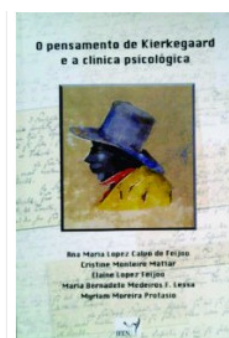
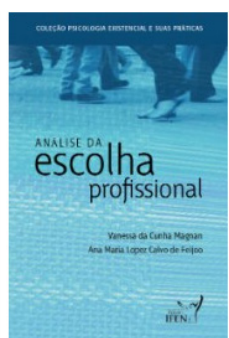
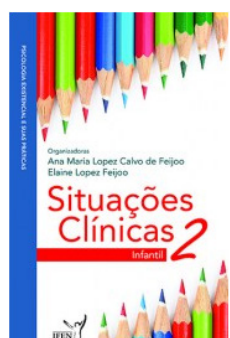
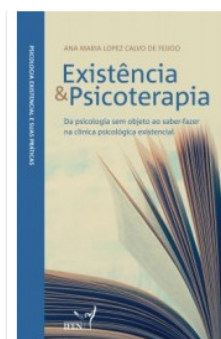
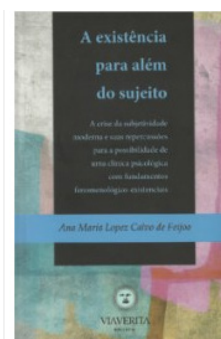
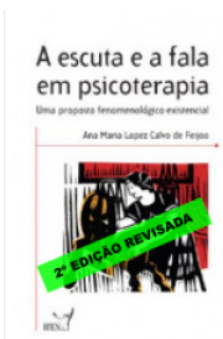
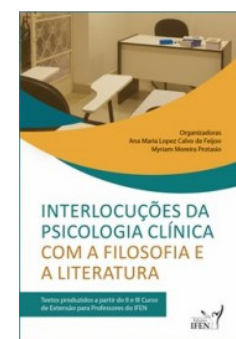
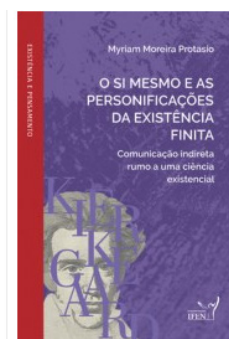
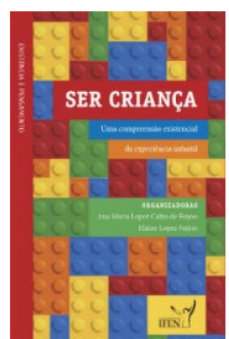
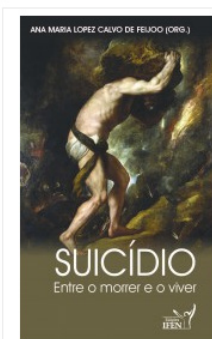
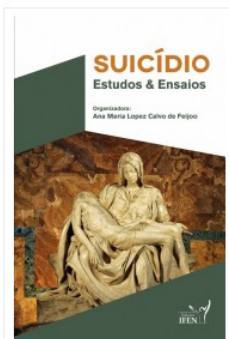
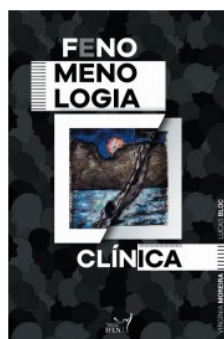
Mentes que Sofrem

Dimitri M. Abramov
Paulo-de-Tarso C. Peixoto



EDIÇÕES IFEN

<https://www.ifen.com.br/site/loja>



INFORMAÇÕES
edicoesifen@ifen.com.br
Whatsapp 21 98898-8690

Sócios IFEN tem desconto de 10% na compra de livros na sede do IFEN e 5% na compra pelo site do IFEN

FRETE GRÁTIS PARA TODO BRASIL